

AS RELAÇÕES DE GÊNERO NO ESPAÇO ESCOLAR

Prof^a. Dr^a. Fabiane Ferreira da Silva*

Desde o nascimento, meninas e meninos são educadas/os para conviver em sociedade, porém de maneira distinta, que se expressa, por exemplo, na escolha do nome e do enxoval, na decoração do quarto da criança, na escolha dos brinquedos e das atividades de lazer. Para a menina, roupas e decoração cor-de-rosa, bonecas, panelinhas e casinhas. Já para o menino, a cor azul, bolas e carrinhos. À medida que meninas e meninos crescem, por meio das cores, acessórios, brinquedos, brincadeiras e das relações estabelecidas nos contextos sociais, meninas e meninos aprendem modos de ser e estar no mundo, formas de falar, agir, compreender a si e aos outros de acordo com os códigos de gênero.

No contexto desta discussão, gênero – feminino ou masculino – trata-se de uma construção social, cultural, histórica e discursiva, que se dá mediante relações de poder, produzindo mulheres e homens, distinguindo-os como corpos “femininos” e corpos “masculinos”. Operar com o conceito de gênero significa operar numa abordagem construcionista, colocando-se contra a naturalização do feminino e do masculino, na direção de compreender que, ao longo da vida, através das diversas instituições e práticas sociais, nos constituímos como mulheres e homens.

Mas, afinal, o que a escola tem a ver com isso?

A escola não apenas “transmite” saberes e conhecimentos, mas tem sido um dos lugares centrais na produção dos sujeitos de acordo com determinados códigos, regras, convenções estabelecidos social e culturalmente. É importante compreender que a escola, assim como a família, a mídia, a Internet, a academia, o clube, a religião, entre outras instâncias sociais, são espaços constituídos e atravessados por representações de gênero, ao mesmo tempo em que produzem e/ou significam essas representações. Na escola, as atividades cotidianas, querendo ou não, constituem-se como atividades pedagógicas

*Professora da Universidade Federal do Pampa, Campus Uruguaiana e doutora em Educação em Ciências.

implicadas na produção das identidades de gênero; por exemplo, quando são estabelecidos e reforçados os comportamentos adequados para meninas e meninos, ou, ainda, quando acontece a separação por gênero nas brincadeiras, nas filas, nas tarefas e até mesmo em turmas.

Uma análise do cotidiano escolar pode revelar a existência de diferenças, binarismos e assimetrias de gênero presentes em atividades muitas vezes sutis e refinadas que instituem para os/as estudantes o que é considerado masculino e o que é feminino. Conteúdos curriculares, regras, normas, organização do espaço físico, modos permitidos de pensar e agir constituem-se como mecanismos implicados na classificação, separação e hierarquização entre mulheres e homens. Desse modo, precisamos refletir sobre as relações de gênero na escola. Precisamos problematizar os discursos e as práticas escolares, suspeitar das “verdades” com as quais nos deparamos cotidianamente. Precisamos problematizar, por exemplo, o pressuposto de que: menino que gosta de dança ou de ginástica e não gosta de futebol tem “tendência” a ser homossexual; que as meninas não têm habilidade para jogar futebol ou não podem participar de práticas como a luta; uma menina que usa boné, roupa larga e tatuagem tem a aparência masculinizada, deve ser homossexual; um menino que é sensível e educado é gay; entre outros. É importante destacar que aquilo que se entende como sendo masculino ou feminino é uma construção social, cultural e histórica, portanto, não é natural, universal, nem mesmo imutável.

Nessa direção, é importante compreender que existem diferentes formas de viver a masculinidade e a feminilidade; portanto, não existe “a mulher” e “o homem” no singular, mas várias e diferentes mulheres e homens que aprenderam a ser de determinado jeito, a apresentar e a valorizar determinadas características no interior de um grupo social. Meninas e meninos, mulheres e homens são de muitos jeitos, de muitas formas, etnias, classes, orientações sexuais, religiões, identidades; mulheres e homens são de diferentes culturas e tempos, mesmo que vivendo na mesma época; elas e eles assumem diferentes posições de sujeito nos contextos em que transitam e se relacionam.

As diferentes formas de ser e agir como mulheres e homens precisam ser respeitadas no espaço da escola. Precisamos de uma escola que não reproduza preconceitos, que não estimule e não permita a discriminação. Se quisermos contribuir para a construção de uma sociedade justa, com equidade de gênero, devemos prestar atenção nas formas como meninas e meninos são educadas/os no contexto da escola.